

Biblioterapia e Estética da Recepção: uma análise de "O avesso da pele"

Bibliotherapy and Aesthetics of Reception: an analysis of "O avesso da pele"

Luana Daniela Ciecelski¹

Resumo: O artigo busca fazer um cruzamento entre as teorias da Estética da Recepção e da Biblioterapia, a fim de compreender como os campos se complementam e como as análises literárias feitas com base na Estética da Recepção podem auxiliar nas práticas de Biblioterapia. Para isso, utilizamo-nos de revisão teórica, e apresentamos uma proposta de análise da obra *O Averso da Pele* de Jeferson Tenório, seguido por uma proposta de aplicação biblioterapêutica.

Palavras-chave: Biblioterapia; Estética da Recepção; Literatura; O avesso da pele.

Abstract: This article seeks to cross-reference the theories of Reception Aesthetics and Bibliotherapy in order to understand how the fields complement each other and how literary analysis based on Reception Aesthetics can assist in Bibliotherapy practices. To this end, we use a theoretical review and present a proposal for analyzing the work *O Averso da Pele* by Jeferson Tenório, followed by a proposal for bibliotherapeutic application.

Keywords: Bibliotherapy; Reception Aesthetics; Literature; O avesso da pele.

¹ Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade de Santa Cruz do Sul, mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da mesma universidade e doutoranda em Letras também pelo PPGL-Unisc.

1 INTRODUÇÃO

A Biblioterapia é um campo de estudos que vêm crescendo e se desenvolvendo no Brasil. Nas últimas décadas foram registradas pesquisas que voltam o seu olhar tanto para a prática da Biblioterapia Clínica, que é aquela desenvolvida por profissionais da saúde, especialmente psicólogos, quanto para a prática de Biblioterapia de Desenvolvimento Pessoal, que é mais voltada para o coletivo. Essa segunda, que é a que mais nos interessa aqui, é praticada por grupos de leitura, mediados por profissionais da Biblioterapia, que compreendem a literatura também como um espaço para trabalhar as emoções.

Em ambas as linhas de pesquisa, o que se busca é compreender como a Biblioterapia e suas técnicas podem impactar nos leitores; como determinadas leituras podem ser utilizadas, nos mais variados ambientes - desde hospitais até escolas -, para desencadear diálogos sobre as emoções; como os biblioterapêutas podem utilizar os livros em diferentes ambientes para promover o bem-estar.

Entre os momentos cruciais dentro do processo biblioterapêutico estão a mediação, a escolha da obra a ser lida, a leitura propriamente dita e o diálogo posterior. Como veremos mais a fundo na segunda seção deste artigo, o que a biblioterapia visa provocar ou aflorar no leitor são alguns processos, como a catarse, o humor, a identificação, a introjeção, a projeção e a introspecção (Caldin, 2001). É a partir deles que se efetiva a terapia por meio dos livros.

E dentro desse processo, entendemos que a interpretação do texto literário também é fundamental para que a biblioterapia se efetive.

Considerando isso, nosso objetivo neste artigo é compreender os cruzamentos possíveis entre a Biblioterapia e a Estética da Recepção - a partir dos estudos de teóricos como Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss - para compreender melhor esse processo de interpretação e os impactos na biblioterapia. É importante destacar que a escolha pela Estética da Recepção como teoria literária para pensar a interpretação e realizar esta pesquisa se dá por uma questão teórica, tendo em vista que a Estética da Recepção volta o seu olhar para o texto e para o leitor, bem como para a relação que há entre eles, assim como faz a Biblioterapia.

Além disso, para pensar essa análise de forma mais empírica, pensando o cruzamento da Biblioterapia com a Estética da Recepção na prática, escolhamos uma obra para fazer uma análise: *O avesso da pele* de Jeferson Tenório. A escolha por essa obra se dá por, pelo menos, duas razões. A primeira delas é que ela recentemente foi alvo de uma polêmica que começou na cidade de Santa Cruz do Sul/RS, mas se tornou conhecida em todo o Brasil. Na ocasião, a diretora de uma escola pública do Estado publicou um vídeo em suas redes sociais criticando a linguagem da obra e questionando a validade de se trabalhar com este livro com alunos do ensino médio. A fala foi permeada por um visível preconceito racial tendo em vista que tanto autor quanto personagens da obra são negros, além de uma profunda ignorância e descontextualização de trechos da obra. Por isso, acreditamos que é necessário dar espaço para *O avesso da pele*.

A segunda razão é que essa escolha tem relação com uma pesquisa maior desenvolvida em nossa tese de doutorado. Dentro dela, pretendemos pensar a biblioterapia dentro dos ambientes escolares, a partir da BNCC, e a publicação de Tenório é uma das obras listadas

no PNLD, ou seja, uma das opções de livro que podem ser solicitados pelas escolas públicas ao governo para que sejam trabalhados em sala de aula. Essa foi, inclusive, umas das principais motivações para a polêmica iniciada pela professora, e nosso objetivo é mostrar que essas obras, que chegam mesmo a ser banidas, censuradas dos ambientes escolares, podem sim ser utilizadas nas escolas e podem contribuir para o ensino, para a relação com a literatura e que isso pode ser feito, inclusive, por meio da Biblioterapia.

Nosso objetivo é, portanto, fazer um cruzamento entre Biblioterapia e Estética da Recepção e, a partir disso, uma análise do livro *O avesso da pele*, pensando em como podemos interpretar essa obra pela Estética da Recepção e utilizar isso em práticas biblioterapêuticas. Para isso, vamos começar com uma breve contextualização sobre o que é a Biblioterapia, seguindo por uma revisão bibliográfica sobre a Teoria do Efeito Estético. Na quarta seção, por fim, entramos na obra a ser analisada, e no cruzamento entre as teorias de forma mais prática.

2 BIBLIOTERAPIA: A TERAPIA POR MEIO DOS LIVROS

A biblioterapia é um campo interdisciplinar que usa livros e outras formas de literatura como ferramentas terapêuticas para ajudar as pessoas a lidar com uma variedade de desafios emocionais e psicológicos. Seu nome se origina de dois termos gregos *biblion* – livro -, e *therapeia* – tratamento. Esse campo tem como base estudos que vêm sendo realizados há milênios, remontando ao filósofo grego Aristóteles, em sua obra *Poética* (2004), que analisou a liberação da emoção resultante da tragédia – a chamada *catarse*.

Posteriormente as pesquisas passaram para o campo da psiquiatria, primeiro com estudos a respeito da relação entre psique humana e literatura por parte de psicanalistas como Sigmund Freud (1999) e Carl Gustav Jung (2008) e chegando aos estudos literários por meio de Wolfgang Iser, que organizou os princípios da Estética da Recepção, discutindo sobre as reações dos leitores (Iser, 1999, v. 1, p. 85).

Além disso, em seus estudos, realizados ainda na década de 1940, Caroline Shrodes, já traz um levantamento do que seriam as principais definições, conceitos e objetivos da biblioterapia. Em 1949, ela defendeu sua tese obtendo título de Doutora em Filosofia e Educação na Universidade de Berkeley, na Califórnia, com o trabalho *Bibliotherapy: a theoretical and clinica-experimental study*.

Por meio desse trabalho, Shrodes conceituou a biblioterapia como um processo dinâmico de interação entre o leitor e a literatura que pode resultar em compreensão das emoções possibilitando que se lide com elas de forma mais consciente e produtiva. Para essa autora, a literatura ficcional é mais indicada para os exercícios de biblioterapia, pois garante uma introspecção maior e assim uma experiência emocional mais efetiva. Shrodes continua sendo uma referência importante nesse campo de estudo.

Em anos mais recentes, especialmente a partir da década de 1980, surgem pesquisas ainda mais específicas na área da biblioterapia e cada vez mais elas demonstram a eficácia dessa ferramenta em uma variedade de contextos. Isso engloba, inclusive, os tratamentos pós-traumáticos e de restabelecimento da saúde emocional e o trabalho preventivo e o de desenvolvimento da inteligência emocional.

Por exemplo, um estudo publicado na revista *Research on Social Work Practice* em 2015, descobriu que a biblioterapia era uma abor-

dagem eficaz para ajudar adolescentes a lidar com questões de identidade e autoestima. Outro estudo, publicado na revista *Journal of Consulting and Clinical Psychology* em 2008 descobriu que a biblioterapia foi eficaz no tratamento da depressão em adultos.

Outro estudioso importante deste campo, é Marc-Alain Ouaknin, um filósofo, rabino e professor franco-israelense que escreveu um livro intitulado *Biblioterapia*, publicado no Brasil em 1996. O livro de Ouaknin apresenta a biblioterapia como uma prática terapêutica que usa a leitura de livros como uma ferramenta para ajudar as pessoas a lidar com problemas emocionais e psicológicos. Ele argumenta que a leitura de obras literárias pode ajudar as pessoas a encontrar significado, consolo e orientação em momentos de crise, e que a biblioterapia pode ser usada tanto como um complemento à terapia tradicional quanto como uma forma de autoajuda.

Já no Brasil, entre as principais referências ao estudo da terapia a partir da leitura está Clarice Fortkamp Caldin. Graduada em Biblioteconomia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UFSC), Mestre e Doutora em Literatura pela mesma universidade, ela é professora na Graduação do Curso de Biblioteconomia da UFSC e ministra, entre outras disciplinas, a de Biblioterapia.

Em seus estudos, definiu a biblioterapia como a

leitura dirigida e discussão em grupo, que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos: os receios, as angústias e os anseios. Dessa forma, o homem não está mais solitário para resolver seus problemas; ele os partilha com seus semelhantes, em uma troca de experiências e valores. (Caldin, 2001, p. 36)

A partir de pesquisas como as mencionadas acima, a biblioterapia se apresenta atualmente em três formas: institucional, clínica e de desenvolvimento pessoal. A primeira é mais didática, a segunda é aquela mediada especialmente por psicoterapeutas e médicos com seus pacientes e a terceira é a de programas educacionais e sociais (Santos, Ramos e Sousa, 2017). Por isso, a Biblioterapia tem sido usada tanto em projetos sociais e escolas para promover a empatia e a compreensão mútua em contextos educacionais e comunitários, como em consultórios de psicólogos e também em contextos de hospitais e centros de tratamento de câncer, por exemplo, para ajudar pacientes a lidar com o estresse e a ansiedade associados ao tratamento médico.

Na medida em que as pesquisas se aprofundam, observados os mais variados objetos de pesquisa, percebe-se que a leitura de histórias e discussões em grupo podem ajudar as pessoas a desenvolver uma maior compreensão das perspectivas de outras pessoas e a promover a conexão e a solidariedade. Ou seja, a biblioterapia promove benefícios na relação do ser humano consigo mesmo e também na sua relação com os demais. Tudo isso se dá a partir de métodos biblioterapêuticos que também foram sendo desenvolvidos por esses estudiosos. Como explica Caldin (2001, p. 37),

O método biblioterapêutico consiste em uma dinamização e ativação existencial por meio da dinamização e ativação da linguagem. As palavras não são neutras. A linguagem metafórica conduz o homem para além de si mesmo; ele se torna outro, livre no pensamento e na ação.

Essas dinâmicas variam bastante de um grupo para o outro, de um mediador para o outro e também variam segundo aspectos cultu-

rais. Enquanto que a biblioterapia norte-americana, por exemplo, costuma ser desenvolvida tendo como base apenas o livro em si e “trabalha com aspectos psiquiátricos e termos ligados à mente humana, buscando formas de tratamentos e resultados específicos” (Santos, Ramos e Sousa, 2017, p. 12), a biblioterapia brasileira é mais lúdica e os biblioterapeutas fazem mais uso de “contação de histórias, projeção de filme, desenho, encenação de teatro, dança, um acervo variado para complementar o papel da leitura” (Santos, Ramos e Sousa, 2017, p. 12).

Vale destacar que a metodologia de aplicação da biblioterapia envolve desde a identificação do problema, passando pelo desenvolvimento de um plano de leitura e diálogo - e se for o caso incluir outras atividades - até o acompanhamento e finalização (Gusmão e Souza, 2020). Dentro desse processo um dos pontos mais delicados é justamente o da escolha do material que também deve levar em consideração, além do que se deseja alcançar com a leitura, os gostos, o nível intelectual, as tendências, a idade e outros elementos do leitor.

A seleção dos documentos deve, também, ser feita de maneira a levar otimismo e alegria às sessões, evitando, sempre inibir ou deprimir o paciente. O livro deve ajudá-lo na solução de seus problemas, sem aumentar-lhe o sentimento de culpa, mas também sem inocentá-lo, procurando sempre um exemplo imitável (Alves, 1982, p. 56).

E o que todos esses métodos visam provocar ou aflorar no leitor são alguns processos, como a catarse, o humor, a identificação, a introjeção, a projeção e a introspecção (Caldin, 2001), a partir dos quais se efetiva a terapia por meio dos livros.

3 ESTÉTICA DA RECEPÇÃO: O TEXTO E O LEITOR NA CONSTRUÇÃO DO SIGNIFICADO

A Estética da Recepção é uma abordagem teórica que emergiu principalmente nos estudos literários durante a década de 1970, a partir de estudos realizados sobretudo na Alemanha e na Alemanha e na França. Seu surgimento está intimamente ligado ao contexto histórico e cultural da época. Na década de 1970, houve uma mudança significativa nos estudos literários, com uma crescente insatisfação em relação às abordagens formalistas e estruturalistas dominantes até então. Os críticos começaram a questionar a ideia de que o significado de uma obra estava contido apenas em sua estrutura interna e passaram a reconhecer a importância do leitor na construção do significado.

Essa abordagem enfoca não apenas o texto em si, mas também o processo de recepção do texto pelo leitor, destacando a importância das experiências individuais e subjetivas na interpretação da obra. Entre os principais autores dessa linha teórica estão Roman Ingarden, um filósofo e teórico literário polonês, usualmente associado à corrente fenomenológica e reconhecido por alguns estudiosos como "o pai da estética de recepção"; Hans Robert Jauss, escritor e crítico literário alemão, um dos maiores expoentes da estética da recepção, que fundamenta suas bases na própria crítica literária alemã e que foi responsável pela criação de um novo conceito de leitor como alguém ativo no processo, que é tocado pela estética da obra; e Wolfgang Iser, também crítico literário e teórico alemão, autor da obra *O Ato da Leitura: Uma Teoria do Efeito Estético*, ainda hoje uma das pu-

blições mais importantes dessa corrente teórica, que serve como base para a compreensão da relação entre texto e leitor.

Alguns dos conceitos mais básicos da Estética da Recepção são o Horizonte de Expectativas, o Efeito Estético, o Ato da Leitura e a Hermenêutica. O Horizonte de Expectativas diz respeito ao conjunto de conhecimentos, experiências e crenças que um leitor traz consigo ao se envolver com uma obra e que influenciam sua interpretação do texto e sua resposta estética a ele. O Efeito Estético, por sua vez, é o impacto emocional, intelectual e sensorial que uma obra de arte tem sobre o espectador ou leitor, e a Estética da Recepção explora como esse efeito é produzido e como varia de acordo com o contexto individual de cada receptor.

O Ato da Leitura, por sua vez, refere-se à interação dinâmica entre o texto e o leitor durante o processo de leitura. Iser (1996, 1999) argumenta que a obra de arte só se completa no momento da leitura, quando o leitor preenche as lacunas deixadas pelo texto. E por fim, a Hermenêutica remete à ideia de interpretação e compreensão. Na Estética da Recepção, a hermenêutica está relacionada à forma como os leitores constroem significados a partir das obras, considerando não apenas o texto em si, mas também seu contexto de produção e recepção.

Além disso, três problemas básicos tomados pela Estética da Recepção em conjunto e compreendidos como um contexto são 1) Como os textos são apreendidos?; 2) Como são as estruturas que dirigem a elaboração do texto naquele que o recebe?; e 3) Qual é a função dos textos literários em seu contexto? E aprofundando essas questões, os estudos sobre o Efeito Estético consideram que "se os textos literários produzem algum efeito, então eles liberam um acontecimento,

que precisa ser assimilado" (Iser, 1996, p. 10). Assim, esses processos de assimilação também são de interesse do efeito estético, por meio de duas questões: 1) Em que medida o texto literário se deixa apreender como um acontecimento?; e 2) Até que ponto as elaborações provocadas pelo texto são previamente estruturadas por ele?

Portanto, percebe-se que há uma conexão profunda entre a Biblioterapia e a Estética da Recepção e aqui nos interessa, sobretudo, os estudos sobre a relação entre o texto e o leitor. Para os estudiosos dessa corrente, é nessa relação que a leitura se constitui de forma que texto e leitor são protagonistas juntos desse processo. Nas palavras de Iser (1979, p. 3) “como atividade comandada pelo texto, a leitura une o processamento do texto ao efeito sobre o leitor. Esta influência recíproca é descrita como interação”. Assim, o texto é entendido como o espaço no qual o leitor constrói suas representações, em que ele pode encontrar respostas para seus questionamentos (Brizotto, 2011). E, ainda, de acordo com Iser (1996, p. 75), “o papel do leitor representa, sobretudo, uma intenção que apenas se realiza através dos atos estimulados no receptor. Assim entendidos, a estrutura do texto e o papel do leitor estão intimamente ligados”.

Levando em consideração as ideias propostas por Ingarden, Iser (1999) formula as ideias de lugares vazios e negações do texto. Parte-se do pressuposto de que “o texto ficcional é parecido com o mundo à medida em que projeta um mundo que concorre com aquele” (p. 124). No entanto, não é, de fato, esse mundo. A ficção “não dispõe de traços objetivos [...] e é até tida como mentira por não possuir os critérios do real, embora simule tê-los” (Iser, 1999, p. 124-125). É uma realidade virtual. Assim, o texto possui uma “falta de identidade” que “se manifesta em lugares indeterminados” (Iser, 1999, p. 125) e “os

graus de indeterminação desse tipo estimulam a comunicação, condicionando a ‘formulação’ do texto pelo leitor” (Iser, 1999, p. 125).

Assim, o não dito é “constitutivo para o que o texto diz; e o não-dito, ao ser formulado pelo leitor, suscita uma reação às posições manifestas no texto” (p. 125). Essa indeterminação tem uma estrutura - que surge ao se relacionar com as determinações do texto - e que são os lugares vazios e as negações. Ou seja, Iser pensa a leitura como um processo que deslocaria as tradicionais perspectivas da interpretação, em que haveria um autor ou um texto absolutos que determinariam seus caminhos de entendimento. O teórico alemão acredita que, ao ler, o leitor é forçado a converter a imagem material do texto a uma imagem virtual desse texto, em que, por esse princípio, essa realidade virtual produziria sentidos (Iser, 1999).

Esse é o processo que o autor chamou de interação entre texto e leitor, relação em que se observa a interseção entre a visão de mundo do leitor e o repertório do texto. A partir dessa interação se obtêm o preenchimento dos espaços vazios do texto: dentro de uma estrutura de afeto, o leitor imerso no pólo estético do texto recuperaria deste uma composição interpretativa subentendida, que sem o ato da leitura o texto por si não alcança (Tragino, 2013).

Esses espaços vazios do texto, ou “lugar vazio” (gaps) como chamou Iser (1999), refere-se às lacunas deixadas pelo texto, que exigem que o leitor ativamente participe na construção do significado. Essas lacunas não são meras ausências, mas sim pontos estratégicos que solicitam a colaboração do leitor para preencher e conectar as partes do texto, promovendo assim um engajamento mais profundo e dinâmico com a obra literária. O conceito também tem como base a ideia de lugares indeterminados de Ingard, mas se difere no sentido

de que para Ingard todos os lugares indeterminados precisavam ser preenchidos pelo leitor, enquanto que, para Iser, “nem todos os vazios necessitam ser complementados, dependendo das representações projetivas do leitor, que é quem realiza as conexões com o texto” (Brizotto, 2013, p. 12).

Só quando os esquemas do texto são relacionados entre si, o objeto imaginário começa a se formar; esta operação deve ser realizada pelo leitor e possui nos lugares vazios um importante estímulo. Mediante eles, assinala-se a possibilidade de ligação de seus segmentos. (Iser, 1999, p. 126)

O lugar vazio, portanto, é fundamental no processo de constituição de sentido, porque cria um leque de possíveis significados, “de modo que a combinação dos esquemas textuais se torna uma decisão seletiva por parte do leitor” (Iser, 1999, p. 128). E por isso, para Iser, a presença dos “lugares vazios” é fundamental na experiência estética porque desencadeia a imaginação e a interpretação do leitor. Sabe-se também que há uma intenção de fala, que escolhe entre as possibilidades de efeito e que, por isso, os lugares vazios “não só fazem parte do repertório, mas também das estratégias” (Iser, 1999, p. 129).

Mas enquanto os lugares vazios “funcionam como instruções de sentido, porque regulam as conexões e influências recíprocas dos segmentos pela oscilação do ponto de vista” e assim organizam “o eixo sintagmático da leitura” (Iser, 1999, p. 170), existe também a negação, que “produz um lugar vazio dinâmico no eixo paradigmático da leitura” (Iser, 1999, p. 171) a fim de pré-estruturar também a compreensão dos conteúdos. “A consciência será maior quando a validade das normas selecionadas for negada no repertório do texto” (p. 170), porque “a negação atribui ao leitor um lugar entre o “não

mais” e o “ainda não”. Ao mesmo tempo, ela dá concretude ao lugar do leitor” (Iser, 1999, p. 170).

Iser (1999) diz ainda que “a atenção deste [do leitor] aumenta pelo fato de que as expectativas evocadas em virtude da presença do que é familiar são paralisadas pela negação” (171), fazendo com que as atitudes do leitor se diferenciem. Assim, a “negação é um impulso decisivo para os atos de representação do leitor, estimulando-o a construir o tema não-formulado e não-dado da negação enquanto objeto imaginário” (Iser, 1999, p. 172). Ou seja, Iser (1999) argumenta que a negação é um mecanismo que intensifica a dinâmica da leitura, criando um espaço para a reflexão e a interpretação crítica. Ela não é apenas uma contradição ou oposição direta ao conteúdo do texto, mas uma ferramenta que desafia as expectativas do leitor e provoca uma reavaliação contínua das premissas e suposições iniciais.

E ainda, Iser (1999) traz o conceito de negatividade como uma força crucial na experiência estética e na interação entre o texto literário e o leitor. A negatividade, para Iser, não deve ser confundida com a negação porque enquanto a negação é a oposição direta a um dado elemento ou expectativa, a negatividade é uma condição mais ampla que caracteriza a natureza do texto literário e a sua relação com o leitor. A negatividade, segundo Iser (1999), refere-se à capacidade do texto literário de sugerir, evocar e implicar mais do que aquilo que está explicitamente declarado. É a qualidade que permite que o texto permaneça sempre aberto a novas interpretações e significados, nunca se fechando em uma única leitura ou entendimento. Ou seja, esses elementos não são falhas ou lacunas acidentais, mas sim componentes deliberados que convidam o leitor a preencher, explo-

rar e expandir os significados possíveis. A negatividade, portanto, cria um espaço de indeterminação que estimula a imaginação e a atividade interpretativa do leitor.

Além disso, a negatividade está relacionada à forma como o texto literário pode desafiar e subverter as expectativas do leitor. Ao introduzir elementos que não se encaixam perfeitamente em esquemas pré-concebidos, o texto força o leitor a reconsiderar suas suposições e a buscar novas formas de entendimento. Essa dinâmica de expectativa e surpresa é central para a experiência estética, tornando a leitura uma atividade ativa e criativa.

Clarice Caldin, já citada anteriormente como uma das principais referências no estudo de Biblioterapia no Brasil, em sua tese de doutorado chega a dedicar um subcapítulo inteiro ao cruzamento entre os estudos de Iser com a Biblioterapia e citando esse autor ela aponta que interpretar um texto é retomar a subjetividade do autor e que essa

retomada implica transformar a linguagem falada em linguagem falante, ou, em outras palavras, transformar signos em significado. Isso é possível porque o leitor reage à interpelação do livro ultrapassando o sentido imposto pelo estilo do autor e criando, ele próprio, seu estilo, sua lógica [...]. O envolvimento com o livro, o preenchimento dos vazios do texto literário, a interação entre texto e leitor, a significação como continuidade e retomada do texto permitem que se pense na terapia por meio da leitura, ou, dito de outro modo, na biblioterapia. (Caldin, 2009, p. 118)

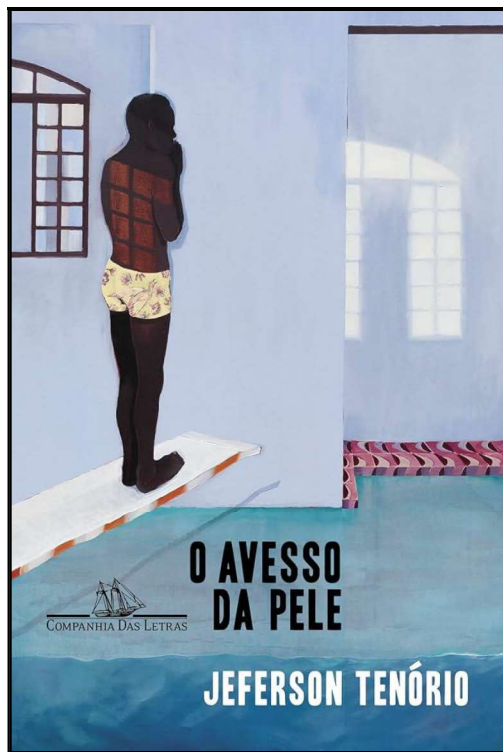
4 "O AVESSE DA PELE" E UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

O avesso da pele (Figura 1) foi escrito por Jeferson Tenório e publicado em 10 de agosto de 2020 pela editora Companhia das Letras. Em 2021, a obra foi vencedora do Prêmio Jabuti na categoria Romance Literário. Em 2024, esse mesmo livro viu envolvido numa polêmica provocada pela diretora da Escola Estadual de Ensino Médio Ernesto Alves de Oliveira, de Santa Cruz do Sul (RS), Janaína Venzon, que publicou um vídeo em suas redes sociais, lendo alguns trechos obra, retirando-os de contexto, e dizendo que o livro teria uma “linguagem chula”, “de baixo calão”, e que por isso não poderia ser trabalhada com crianças. Destaca-se que a própria escola recomendou os exemplares do livro - aparentemente sem uma leitura prévia - e depois quis devolvê-los. Além disso, a orientação do PNL D é de que essa obra seja trabalhada com alunos do Ensino Médio, portanto, não com crianças, mas com adolescentes de idades entre 14 e 18 anos.

O vídeo viralizou na internet e repercutiu de tal forma que chegou a ser noticiado pelo Jornal Nacional, principal telejornal da televisão aberta brasileira. Além disso, resultou em discussões na internet, manifestação pública do autor e da editora responsável pela publicação - a Companhia das Letras -, e resultou, também, numa audiência pública promovida por professores, pais e mães de alunos, que aconteceu em Santa Cruz do Sul no dia 7 de março de 2024, com a participação online do escritor Jeferson Tenório. Depois de todos esses acontecimentos, a obra ainda entrou para a lista de leitura obrigató-

ria dos vestibulares do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Figura 1 - Capa do livro *O avesso da pele* de Jeferson Tenório



Créditos: Divulgação

Vale destacar ainda que Jeferson Tenório nasceu no Rio de Janeiro, mas está radicado em Porto Alegre desde o início da década de 1990. Além de escritor, Tenório também é um professor e pesquisador brasileiro - ele é mestre em Literaturas Luso-africanas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, doutor em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, trabalha

com os temas do colonialismo, pós-colonialismo, identidade e diáspora africana na pós-modernidade e leciona Língua e Literatura na rede pública de ensino. Seu romance de estreia, *O beijo na parede*, foi publicado em 2013, sendo eleito Livro do Ano pela Associação Gaúcha de Escritores. Em 2018 publicou também a obra *Estela sem Deus*.

A narrativa de *O avesso da pele* traz a história de Pedro, que, após a morte do pai, sai em busca de resgatar o passado da família e refazer os caminhos paternos. Com uma narrativa sensível e por vezes brutal, Jeferson Tenório traz à superfície um país marcado pelo racismo e por um sistema educacional falido, além de um denso relato sobre as relações entre pais e filhos. Na descrição do livro no site de vendas online Amazon, encontra-se o seguinte trecho:

O que está em jogo é a vida de um homem abalado pelas inevitáveis fraturas existenciais da sua condição de negro em um país racista, um processo de dor, de acerto de contas, mas também de redenção, superação e liberdade. Com habilidade incomum para conceber e estruturar personagens e de lidar com as complexidades e pequenas tragédias das relações familiares, Jeferson Tenório se consolida como uma das vozes mais potentes e estilisticamente corajosas da literatura brasileira contemporânea. (Amazon, n.d, n.p)

E aqui entramos então em nossa análise da obra. Considerando a abordagem teórica sugerida pela Estética da Recepção, faremos nossa análise olhando para alguns elementos específicos tais como a estrutura do texto, o processo de leitura e a construção de significados para posteriormente pensar em como esse livro poderia ser utilizado em uma prática de biblioterapia nas escolas, especialmente com alunos do ensino médio. O método que sugerimos é o do Quadro 1:

Quadro 1 - Etapas de análise da obra a partir da Estética da Recepção

Primeira Etapa	
Estrutura do texto	Identificar e analisar as lacunas (ou vazios) do texto que convidam o leitor a preencher com suas próprias interpretações.
	Examinar as estratégias narrativas utilizadas pelo autor para engajar o leitor, como a perspectiva do narrador, o desenvolvimento dos personagens, e a construção da trama.
Segunda Etapa	
Processo de leitura	Analisar como o texto desafia ou confirma o horizonte de expectativa do leitor. Considerar o conhecimento prévio e as expectativas culturais do leitor.
	Investigar como o leitor é guiado pelo texto e como ele responde aos elementos narrativos. Notar as reações emocionais e intelectuais que o texto evoca.
Terceira Etapa	
Construção do significado	Descrever o ato de leitura como uma experiência dinâmica e interativa.
	Analisar como o significado é construído durante a leitura.
	Explorar os efeitos estéticos e emocionais produzidos pelo texto no leitor. Considerar como o leitor

	negocia com o texto para formar uma compreensão pessoal.
Quarta Etapa	
Interpretação e aplicação	Descrever a interpretação geral que a que se chegou a partir da leitura do livro.
	Refletir a respeito de como essa obra poderia ser aplicada em uma prática de biblioterapia com alunos do Ensino Médio.

Fonte: elaboração da autora.

Considerando essas etapas e a leitura atenta da obra, a análise de *O avesso da pele*, mostra que Jeferson Tenório constrói uma narrativa que se desenrola por meio de **lacunas** intencionais, onde o leitor é convidado a preencher os espaços deixados pela ausência de informações diretas. A história de Pedro, que busca reconstruir a vida do pai, Henrique, após sua morte, está cheia de momentos de silêncio e introspecção que exigem do leitor uma participação ativa na construção do significado. Esses vazios são particularmente evidentes nas descrições fragmentadas das memórias de Pedro e nas ambiguidades das experiências de Henrique com o racismo e a violência institucional.

Em relação às **estratégias narrativas**, ainda na **primeira etapa** de análise, Tenório emprega uma narrativa fragmentada e não linear, onde presente e passado se entrelaçam constantemente. A perspectiva do narrador é essencial para o engajamento do leitor, pois é através dos olhos de Pedro que a história de Henrique é revelada. O desenvolvimento dos personagens é complexo, com Henrique

representando não apenas um pai e marido, mas também um símbolo das lutas e resistência da população negra no Brasil. A construção da trama, com seus saltos temporais e mudanças de perspectiva, mantém o leitor intrigado e emocionalmente envolvido, exigindo uma leitura atenta e reflexiva.

Na **segunda etapa**, pensando no **processo de leitura**, percebemos que *O avesso da pele* desafia constantemente o horizonte de expectativa do leitor ao abordar temas como racismo, violência policial e as intrincadas relações familiares de uma perspectiva afro-brasileira. Leitores com diferentes contextos culturais podem ter expectativas variadas sobre a narrativa e seus desdobramentos. Tenório desafia essas expectativas ao não fornecer respostas simples ou conclusões claras, enfatizando a complexidade e a incerteza da experiência negra no Brasil.

Além disso, o **texto guia** o leitor através de uma jornada emocional e intelectual, provocando reações intensas. O estilo fragmentado da narrativa exige que o leitor participe de forma ativa da reconstrução dos eventos e da interpretação dos sentimentos dos personagens. As descrições vívidas e os diálogos impactantes criam uma conexão emocional, evocando empatia e introspecção. A narrativa força o leitor a confrontar suas próprias percepções sobre racismo e violência, tornando a leitura uma experiência transformadora.

Na **terceira etapa**, percebemos que o **ato de leitura** de *O avesso da pele* é uma experiência dinâmica e interativa, onde o significado é construído através do engajamento contínuo do leitor com o texto. A fragmentação narrativa e os vazios intencionais permitem uma margem ampla para interpretações pessoais, possibilitando que cada leitor traga suas próprias experiências e perspectivas para a

compreensão da história. Além disso, os **efeitos estéticos** do texto são profundos, com uma linguagem poética e uma estrutura narrativa que mantém o leitor engajado. **Emocionalmente**, o texto é poderoso, evocando sentimentos de empatia, tristeza e indignação. A narrativa fragmentada e os momentos de introspecção desafiam o leitor a refletir sobre questões sociais e pessoais.

Assim, na **quarta etapa**, a **interpretação geral** que se pode fazer de *O avesso da pele* é de uma obra que explora profundamente a experiência negra no Brasil, destacando a violência estrutural e o racismo institucional que permeiam a vida dos personagens. A narrativa de Tenório oferece uma crítica contundente à sociedade brasileira, ao mesmo tempo em que celebra a resiliência e a humanidade de seus personagens. A obra é uma exploração sensível e por vezes brutal das relações entre pais e filhos, e das fraturas existenciais impostas pelo racismo.

A partir disso, pensando em uma possível **aplicação em Biblioterapia**, voltada para alunos do Ensino Médio, acreditamos que *O avesso da pele* pode ser uma ferramenta poderosa, especialmente em contextos em que é necessário abordar questões de diversidade, racismo e inclusão. A obra pode ajudar os alunos a desenvolver empatia e uma compreensão mais profunda das experiências vividas por pessoas negras no Brasil e o mediador poderia, ao poucos, incentivar os alunos a refletirem sobre suas próprias percepções e atitudes em relação ao racismo, promovendo um ambiente de aprendizado mais inclusivo e consciente.

Nossa proposta seria a de um encontro (ou mais de um, de acordo com a necessidade), com uma discussão guiada sobre o livro, após a leitura dele. A sessão seria estruturada em quatro etapas, podendo

ser proposto ainda um quinto momento. O primeiro deles seria o de introdução de contextualização da obra, com duração de cerca de 10 minutos, onde seria feita uma apresentação do livro e do autor, destacando sua relevância literária e os prêmios recebidos, falando sobre a polêmica recente envolvendo sua adoção em escolas, ressaltando a importância de uma leitura crítica e informada.

O segundo momento seria o de uma breve leitura compartilhada, algo com duração em torno de 20 minutos, onde seriam escolhidos trechos significativos do livro para leitura em grupo. Nossa sugestão seria a trechos que mostram a complexidade das relações familiares e os desafios enfrentados por Henrique. Os alunos devem ser convidados a compartilhar os trechos que lhes marcaram também.

O passo seguinte seria a discussão em grupo, um momento em que se abre espaço para que os alunos compartilhem mais a fundo suas primeiras impressões e sentimentos. Nessa etapa, dependendo da quantidade de alunos envolvidos na prática, a discussão pode ser dividida em grupos menores, para que os participantes se sintam mais à vontade. Para estimular a conversa, pode-se sugerir algumas perguntas guias como “Como vocês se sentiram em relação aos personagens e aos temas abordados?” ou “Como a narrativa fragmentada influenciou a maneira como vocês entenderam a história?”. Depois, os grupos podem (ou não) compartilhar suas respostas com o grupo maior, promovendo um debate mais aberto sobre diferentes interpretações e sentimentos evocados pelo texto.

A última etapa é um convite para uma atividade de reflexão pessoal que pode ser feita na escola ou em casa, de acordo com o tempo disponível e com o nível de engajamento dos alunos e que consiste em sugerir (não obrigar, mas fazer com que se sintam livres para is-

so) a escrita de um parágrafo ou de um texto que reflita sobre a leitura e o debate, falando sobre seus sentimentos e sobre como a obra mudou ou reforçou suas percepções sobre determinados temas, como o racismo e violência, por exemplo. Pode-se incentivar os alunos a relacionarem a história de Henrique e Pedro com suas próprias experiências e observações da realidade social ao seu redor.

Por fim, o quinto momento, que pode ou não ser proposto, é uma atividade mais prática que consiste em conduzir uma reflexão coletiva sobre como os aprendizados que a leitura trouxe podem ser aplicados em ações concretas no cotidiano escolar e na vida pessoal dos alunos. Pode-se discutir possíveis projetos ou campanhas de conscientização sobre racismo e inclusão que poderiam ser desenvolvidos na escola, incentivando os alunos a se engajar em iniciativas que promovam a diversidade e a igualdade. Entre as atividades que podem ser propostas para dar continuidade à leitura e reflexão estão a escrita de novos textos (contos, poemas, por exemplo) ou mesmo organização de uma peça teatral, de uma radionovela, a produção de vídeos e outros conteúdos para redes sociais dos alunos ou da escola etc.

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste trabalho procuramos apresentar uma breve revisão teórica sobre a Biblioterapia e suas práticas no Brasil, bem como sobre a Estética da Recepção que, desde a década de 1960 vem sendo utilizada para compreender o papel de obras literárias e seus impactos no público. Nessa etapa, compreendemos que ambos os campos de pesquisa têm cruzamentos importantes e complementares, e que a Estética

da Recepção pode contribuir muito para a Biblioterapia, ampliando as possibilidades de análise e interpretação de obras literárias e, conseqüentemente, ampliando o impacto das aplicações biblioterapêuticas.

Em seguida, a partir dessa revisão propomos um cruzamento entre essas teorias fazendo uma análise da obra *O avesso da pele*, escrita pelo brasileiro Jeferson Tenório. A análise foi feita com base na Teoria da Estética da Recepção, contando com quatro etapas de análise, que visavam observar diferentes aspectos da obra e da leitura, desde a estrutura do texto até uma interpretação geral, passando pelo entendimento do horizonte de expectativa e do processo de construção de significado do leitor.

Dessa análise, compreendeu-se que *O avesso da pele*, segundo a Estética da Recepção de Wolfgang Iser, demonstra como o texto de Jeferson Tenório engaja o leitor em uma experiência de leitura profunda e interativa. Através de uma narrativa fragmentada e emocionalmente carregada, o autor desafia o leitor a confrontar suas próprias expectativas e preconceitos, criando um espaço para a construção de significados pessoais e sociais.

O passo seguinte foi pensar em uma aplicação biblioterapêutica. A partir da leitura da obra, de sua análise e da compreensão dos efeitos estéticos envolvidos nela, percebe-se que esse livro, não só proporciona uma leitura envolvente, mas também serve como um recurso valioso para a educação e a conscientização sobre questões raciais, além de ser uma oportunidade para que os alunos desenvolvam empatia ao se colocarem no lugar dos personagens e entenderem as dificuldades enfrentadas por pessoas negras em um país racista. A narrativa de Tenório, com suas lacunas e fragmentações, desafia os alu-

nos a refletirem profundamente sobre as complexidades das relações humanas e as injustiças sociais.

Observamos então que todas essas questões podem ser trabalhadas de forma central em práticas biblioterapêuticas e nossa proposta de prática, sugerida ao fim da análise, levou esses aspectos em consideração. Além disso, a metodologia baseada na Estética da Recepção permite que o mediador compreenda a obra com mais profundidade, podendo assim, guiar a prática com mais segurança e entendimento. Se o método de análise for apresentado aos alunos, ele também pode ajudar esses estudantes a se tornarem leitores mais críticos e ativos, participantes da construção do significado do texto. Essa abordagem incentiva a análise crítica e a introspecção, habilidades essenciais para o desenvolvimento escolar e pessoal.

Acreditamos que as práticas biblioterapêuticas, utilizadas de uma forma contínua a partir de uma obra como essa, que depois pode ser trabalhada de outras formas, engajando outros professores, alunos e a comunidade escolar como um todo, além de trabalhar outras obras literárias que abordam temas sociais relevantes, cria um programa contínuo de leitura e reflexão crítica. A integração dessas práticas ao currículo escolar pode transformar a maneira como os alunos percebem a literatura e seu papel na sociedade e pode mudar a forma como eles percebem seu próprio papel no mundo.

Dito isso, acrescentamos que este artigo nunca teve a pretensão de dar conta de todas as questões relacionadas ao cruzamento das teorias em suas minúcias, mas acreditamos que ele serve como um pontapé inicial importante para novos trabalhos que busquem compreender as relações entre Biblioterapia e Estética da Recepção, bem como os benefícios desse cruzamento para o trabalho dos mediado-

res. Acreditamos que na medida em que os aplicadores de biblioterapia puderem compreender melhor o impacto possível de um livro nos leitores e puderem ter análises prévias mais profundas dessas leituras, eles também podem trabalhar os aspectos terapêuticos dessa obra enfocando e conduzindo o diálogo sobre o livro com um foco especial, voltando-se para aquilo que a obra tem de mais impactante. Dessa forma, esperamos que este trabalho não só abra portas para outras pesquisas a serem desenvolvidas como nos auxilie no desenvolvimento da nossa pesquisa para a tese de doutorado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, M. H. H. A Aplicação da Biblioterapia no processo de reintegração social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, n. 1/2, p. 54-61. 1982. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2011/08/pdf_09e78c51e2_0018372.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2024.
- AMAZON. Amazon, 2024. **O avesso da pele**. Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/avesso-pele-Jeferson-Ten%C3%B3rio/dp/8535933395>>. Acesso em: 9 jul. 2024.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. 123 p.
- BRIZOTTO, Bruno. Duas abordagens para o ensino de literatura: leitura e estética da recepção. **Revista Fronteira Digital**. v. 2, n. 3, 2011.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. **Leitura e Terapia**. Tese (Doutorado em Literatura). 2009. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 2009. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/92575/263775.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 3 jun. 2024.
CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação. v. 6, n. 12, p. 32–44, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32>. Acesso em: 10 dez. 2023.

DUARTE, Cristina R.; ROCHA, Maria Betânia P. M.; FORMIGA, Girilene M. O leitor como foco do ensino de literatura: uma proposta de leitura a partir de “A infinita fiandeira”, de Mia Couto. **Revista Príncipia**. n. 49, 2020.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1996.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. v.

2. Tradução de Johannes Krestschner. São Paulo: Editora 34, 1999.

SANTOS, Andréa P. RAMOS, Rubem B. T.. SOUSA, Thais C. S. Biblioterapia: estudo comparativo das práticas biblioterápicas brasileiras e norte- americanas. **Reciis – Revista Eletrônica Comun Inf Inov Saúde**. v. 11, n. 2, 2017. Disponível em:

<<https://www.reciis.icit.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1072>>. Acesso em 10 out. 2023.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

TRAGINO, Arnon. O leitor, a leitura, o livro e a literatura na Estética da Recepção e na História Cultural. **Revista Mosaicum**. n. 18, p. 24-34, Jul/Dez. 2013.